



Ateliê de História

Palavras - chave:

Identities, Capuchinhos,
Seminário Santa Maria,
Vaticano II

Resumo: Nosso objetivo nesta pesquisa é perceber de que maneira as tensões cotidianas no Seminário Seráfico Santa Maria expressam as dificuldades na reformulação das identidades, sacerdotal e franciscana, na implementação das determinações do Concílio Vaticano II. A questão da identidade é um campo de discussão amplamente debatido atualmente, que o presente projeto visa inserir-se, tendo como objeto de estudo as identidades sacerdotal e franciscana no ambiente do Seminário Santa Maria dos Capuchinhos de Irati/PR no período de 1953 a 1987. Concebido para ser um centro de formação aos candidatos a vida presbiteral da Ordem dos Capuchinhos no Paraná, segundo o modelo tridentino, com as determinações do Concílio vaticano II, houve uma mudança no cenário que levou a um deslocamento das identidades em questão. As tensões surgidas entre os modelos (tridentino e do vaticano II), a recepção do mesmo pelos Capuchinhos no Paraná e sua implementação no espaço específico da formação sacerdotal e franciscana são o intuito deste trabalho.

PROJETO DE PESQUISA: O SEMINÁRIO SERÁFICO SANTA MARIA DOS CAPUCHINHOS E AS IDENTIDADES SACERDOTAL E FRANCISCANA NA TRANSIÇÃO DO CONCÍLIO VATICANO II (1953-1987)

Edson Claiton Guedes ¹

Edson Armando Silva ²

INTRODUÇÃO

O propósito desta pesquisa insere-se num campo de discussão que vem sendo extensamente debatido atualmente que é a questão da identidade. Como bem frisou Stuart Hall em suas pesquisas, existe atualmente uma “explosão discursiva em torno do conceito de identidade” (2014, p.103). Isso porque chegou-se atualmente a conclusão que a identidade não é dada, não está geneticamente definida, mas, como ele explica

algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. As partes “femininas” do eu masculino, por exemplo, que são negadas, permanecem com ele e encontram expressão inconsciente em muitas formas não reconhecidas, na vida adulta. [...]. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior (HALL, 2002, p. 38-39).

Na modernidade, esta identidade esta sendo descentrada, fragmentada, deslocada. Isso implica dizer que há uma crise de identidade, porque uma “identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (Hall, 2014, p. 12). Este deslocamento da identidade é uma percepção compartilhada também por outros autores como Giddens (2002), Castells (1999), Bauman (2005).

De acordo com Giddens (2002), a *auta-modernidade*, tem influenciado fortemente esta movimentação da identidade, de maneira mais veloz e até traumática, porque o sujeito tem uma infinidade de opções nesse jogo dialético de construção e reconstrução identitária. Nas culturas tradicionais tudo permanecia inalterado, geração após geração, e a novidade era sempre ritualizada. Já na sociedade da *auta-modernidade*, a identidade precisa ser “explorada e construída como parte de um processo reflexivo de conectar mudança pessoal e social” (GIDDENS, 2002, p. 37). Já não é mais um processo natural, coletivo, mas evoca a participação do indivíduo que tem papel preponderante nesta construção.

A respeito da construção de identidade, Castells (1999, p.23) propõe que devemos, ao fazer esta constatação, nos perguntar como, a partir de quê, por quem e para que essa construção ocorre. Muitos fatores entram como tijolos desta construção. Segundo ele

A construção de identidades vale-se da matéria prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso (CASTELLS, 1999, p. 23)

¹ Mestrando no programa de pós-graduação em História da UEPG/PR. E-mail: nosdek@gmail.com

² Orientador. Doutor em História (UFF), Professor do Depto. de História e do Mestrado em História (UEPG).

A identidade nunca se constrói a partir de si mesma, mas sempre a partir de uma realidade maior que se chama coletivo. É na coletividade que a identidade é moldada, construída. Neste quadro, a questão da identidade aprofunda-se ainda mais num mundo em constante transformação. Baumam caracteriza este período com um adjetivo sagaz: líquido. É nesta realidade líquida, amorfa, que os indivíduos procuram no coletivo um local seguro de identidade. Isso porque, as identidades “perderam suas âncoras sociais que faziam parecer naturais, pré-determinada e inegociável, a identificação se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um nós a quem podem pedir acesso” (BAUMAM, 2005, p.30).

Na busca de um lugar de identificação o indivíduo tende a se agregar num ambiente determinado. Neste local, o indivíduo moldará sua identidade a partir da observação dos pares e sob a pressão deles. Disso dependerá sua aceitação ou não no grupo, como diz Goffman

Quando um indivíduo chega diante de outros, suas ações influenciarão a definição da situação que se vai apresentar. Às vezes, agirá de maneira completamente calcada, expressando-se de determinada forma somente para dar aos outros o tipo de impressão que irá provavelmente levá-los a uma resposta específica que interessa obter. Outras vezes, o indivíduo estará agindo calculadamente, mas terá, em termos relativos, pouca consciência de estar procedendo assim. Ocasionalmente expressar-se-á intencional e conscientemente de determinada forma, mas, principalmente, porque a tradição de seu grupo ou posição social requer este tipo de expressão, e não por causa de qualquer resposta particular que não a de vaga aceitação ou aprovação (GOFFMAN, 2002, p. 15).

Enfim, na perspectiva de refletir a respeito do conceito de identidade e de seus desdobramentos, conceito extremamente complexo, concentramos nossa análise nas identidades sacerdotal e franciscana a partir das tensões produzidas pelo Concílio Vaticano II (1962-1965), tendo como objeto de pesquisa o ambiente seminarístico do Seminário Seráfico Santa Maria dos freis Capuchinhos em Irati, no Paraná. O período analisado será de 1953 a 1987, ou seja, da fundação ao encerramento das atividades da instituição.

O seminário Santa Maria foi construído pelos Capuchinhos para recrutar jovens, a maior parte deles oriundos de locais de forte incidência italiana,

especialmente do oeste de Santa Catarina e sudoeste do Paraná, no intuito de responder adequadamente a missão recebida pelos frades Veneza no território paranaense.

A presença dos Capuchinhos no Paraná se dá em dois períodos distintos. Quaresma (1990) afirma que no período entre 1840 e 1912, ou seja, no período que abrangeu o II Império até o início da república, os frades da região de Gênova, na Itália, vieram para trabalhar com os indígenas nos aldeamentos da Província do Paraná, de forma a cumprir com o que exigia a legislação indigenista na metade do século XIX. A partir de 1920, os Capuchinhos retornaram para o trabalho missionário na Diocese de Curitiba, que no início do século XX abrangia todo estado.

Em Irati, região Sudoeste no Paraná, os Capuchinhos chegaram em 1948, com o propósito de assumir o trabalho pastoral na Paróquia Nossa Senhora da Luz³. Por este tempo, também buscavam um local para construir um novo seminário, com a intenção de centralizar a formação básica dos estudantes. Tal ideia vinha ao encontro da proposta impulsionada no governo do ministro geral da Ordem, Frei Bernardo Christen de Andermatt (1837-1909) sobre a necessária implantação dos seminários seráficos para formação dos futuros frades.

A localização geográfica de Irati, aliada a estrada de ferro, foi um dos fatores fundamentais para construção seminário. Outro fator foi o econômico. Investigamos que a própria fundação da cidade de Irati está ligada a criação da estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande. Nos finais do Império e início da República, o Paraná recebeu grande investimento federal que visava ligar o estado em outros ramais para o transporte de produtos das regiões por meio da ferrovia. Segundo estudo de Kroetz (1985)

No complexo jogo do mercado internacional, o centro sul do Brasil dependeu desde o século XIX, do café e o Paraná da erva-mate. Na medida em que o modelo correspondia aos anseios internos, gerando riqueza, a produção foi-se avolumando. Sob impulsos de técnicas rotineiras e tradicionais, a erva-mate revelou-se abrangente, acompanhada de outro extrativo – a madeira, desde a região tradicional, Oeste até chegar ao Norte (KROETZ, 1985, p.11)

3 A paróquia de Irati, enquanto capela Nossa Senhora da Luz, esteve subordinada de 08/09/1904 a 11/03/1931 à Paróquia de Imbituva. A 25 de julho de 1926 procedeu-se o lançamento da pedra fundamental da futura Matriz e a 11 de março de 1931 foi elevada à condição de Paróquia, decreto nº 01 de Dom Antônio Mazzarotto, primeiro Bispo da recém criada Diocese de Ponta Grossa. Disponível em: <http://www.diocese-pontagrossa.com.br> acesso dia 07/11/15.

Na pesquisa realizada por Demczuk (2011) sobre o patrimônio cultural ferroviário em Irati, a autora destaca que a estrada de ferro São Paulo-Rio Grande foi o que impulsionou o progresso populacional na cidade, já que para construir a ferrovia muitos imigrantes recém-chegados no Brasil foram trabalhar naquela localidade. Planejada pelo governo de Dom Pedro II por meio do decreto no 10.432 de 09 de novembro de 1889, a linha ferroviária de Irati foi inaugurada em 1899, ou seja, dez anos após o decreto. Com a inauguração, os agricultores transformaram o local em ponto de convergência, onde “grande número de carroças, carregadas de erva-mate, madeira e produtos agrícolas, começou a competir para expedir sua carga, levando em troca os gêneros que não dispunham” (LUZ, 2006, p.120). Isso fortaleceu o comércio local e transformou o pequeno povoado em promissora cidade. Sobre o fator econômico, a concessão do terreno e dos tijolos para construção, oferecidos pela senhora Olívia Maria Anciuetti Garcia, foi fundamental.

O seminário de Irati não era o único nem o primeiro que os capuchinhos construíram no Paraná. De acordo com o levantamento realizado pelo Frei Juarez de Bona (2011) expresso no quadro abaixo, podemos compreender a posição do Seminário Santa Maria frente ao projeto dos freis que tinha como objetivo a instalação da Ordem por meio da implantação de uma província religiosa.

Lembramos que o quadro a seguir refere-se apenas à formação do ensino básico e médio. As outras etapas eram realizadas nos Conventos em outras cidades⁴.

Quadro I - Seminários Seráficos *O seminário como produtor e reprodutor de Identidades*

SEMINÁRIO	LOCALIZAÇÃO	PERÍODO DE FUNCIONAMENTO
Seminário Nossa Senhora das Mercês	Curitiba	1930 a 1934
Seminário São Francisco de Assis	Barra Fria (Lacerdópolis/SC)	1942 a 1952
Seminário Santo Antônio	Almirante Tamandaré	1934 a 1968 1973 a 1975
Seminário Santa Maria	Irati	1953 a 1987
Seminário Vocacional São José	Almirante Tamandaré	1955 a 1972
Seminário Vocacional Nossa Senhora de Fátima	Cruzeiro do Oeste	1963 a 1966
Seminário Vocacional Nossa Senhora de Fátima	Siqueira Campos	1967
Seminário Vocacional Assunção	Uraí	1968 a 1993
Seminário Vocacional Frei Ricardo de Vescovana	Céu Azul	1971

Fonte: De Bona (2011)

Nossa intenção é analisarmos o Seminário Santa Maria como uma instituição produtora de identidades, no caso, sacerdotal e franciscana, através de suas práticas discursivas e estratégias específicas que as produziram.

Silva (2000) demonstra que o movimento franciscano, iniciado no século XII na Itália com Francisco de Assis, cria uma identidade própria a partir de um “capital simbólico permanentemente apropriado por outras gerações e outras culturas”. Para

este autor, a tensão em torno daquilo que se convencionou chamar de “essência do franciscanismo” (fraternidade e minoridade), fará que o movimento se institucionalize dentro de uma outra instituição já consolidada, a Igreja, e se efetivasse no tempo. Se a institucionalização do movimento o inseriu no cotidiano e encerrou a fase da “emoção heróica”, ao mesmo tempo permitiu que continuasse na história, sempre em tensão entre o ideal e o real, através das instituições de reprodução da identidade. O semi-

4 A categoria “Seminário Seráfico” era utilizada apenas no local onde a etapa inicial (ensino primário e médio) era realizada. Após esta etapa, o estudante era conduzido ao Convento onde fazia o “Noviciado”, e recebia a designação de Frei. A filosofia e a Teologia também eram realizadas nos Conventos em Curitiba e Ponta Grossa

nário seráfico (Franciscano), será o espaço de identidade e de identificação onde cada nova geração de frades se apropriará deste capital simbólico.

A partir do Concílio Vaticano II o ambiente de formação foi reconfigurado para atender a atualização requerida segundo os princípios do decreto *Perfectae Caritatis* (1984, p.490) que diz: “a atualização da vida religiosa compreende ao mesmo tempo continuo retorno às fontes de toda a vida cristã e a inspiração primitiva e original dos institutos, e adaptação dos mesmos às novas condições dos tempos”. A importância dos seminários na formação religiosa será reafirmada, dando a cada congregação a tarefa de atualiza-los segundo a intenção do Concílio.

Os seminários católicos e a participação das Ordens e congregações na vida social do Brasil, há algum tempo, são fontes para pesquisadores de muitas áreas das ciências humanas. Grande parte dessas pesquisas, insere-se no campo da história da educação⁵. Nossa intenção é, também em diálogo com a história da educação ou das instituições escolares, pensar o seminário em suas relações cotidianas de construção identitária, sob as tensões advindas com as determinações conciliares. O seminário, além de ser um lugar de identidade, é também um lugar de identificação, no sentido que deu a este termo Hall (2014, p.106): “como uma construção, como um processo nunca completado, como algo sempre em processo”. Isso faz com que nossa estratégia de análise transite por outros campos do saber: da análise institucional (GOFFMAN, 1987; FOUCAULT, 1999); da Teologia (LIBÂNEO, 2002; MIRANDA, 2006), da psicologia da formação sacerdotal (BENELLI 2012).

Goffman (1974) em seu livro *Manicômios, prisões e conventos*, nos indica que certos mecanismos de estruturação de uma instituição determinam a sua condição de *instituição total* e acarretam consequências na formação do *eu* do indivíduo que nela participa sob determinada condição. O seminário, como formador de identidade, reforça nos indivíduos esta condição por meio de mecanismos próprios.

Já as relações de poder descritas por Foucault (1999) em sua obra “microfísica do poder” nos ajudam a compreender as tensões entre o instituído

nas normas e disciplinas e as resistências suscitadas no ambiente. As resistências são produzidas pelos indivíduos a partir do momento que sentem-se sujeitos neste processo. Em meio a este jogo de poder, as tensões, de tempos e tempos, se confrontam e cedem deixando transparecer a subjetividade. Ainda que o “objeto de poder” seja o corpo, como lembra Foucault, há sempre o espaço para a “construção da subjetividade”.

Também o trabalho de Benelli (2007) torna-se esclarecedor do processo de criação da subjetividade dentro de um seminário Católico. Trabalhando no campo da psicologia social, o autor define “instituição” como a própria “formação para o clero”, em seu conjunto de saberes e práticas (práticas discursivas, práticas de poder, tecnologias de si) que são implementadas num seminário. Dessa forma, segundo ele, a subjetividade não é o que está dentro dos indivíduos, mas aquilo que os “atravessa ou os transversaliza e os constitui coletivamente”(…) e, além disso, ela se organiza “como um espaço poroso, permanentemente aberto à passagem de forças e fluxos de matéria e de energia, mutante, constantemente diferindo de si mesma” (2007, p.23-24). Ou seja, é uma subjetividade que se constitui em constante processo, em constante devir.

Por outro lado, Santos (2009) traça em sua pesquisa o perfil do vocacionado à vida religiosa franciscana-capuchinha desde a crise instaurada pelo Vaticano II até 2008. Em seu trabalho, o autor analisa as mudanças culturais ocorridas no Brasil e como essas mudanças interferem no modelo de sacerdote proposto pela Província São Lourenço de Brindes dos Capuchinhos do Paraná e na identidade franciscana. Santos analisou o modelo formativo na Província como um todo, desde a entrada no seminário até a ordenação sacerdotal, e seu recorte foi de 1962 a 2008.

A partir disso, um dos objetivos de nossa pesquisa, é entrevistar os sujeitos que participaram daquele ambiente de formação, freis e ex-seminaristas, e perceber, através de suas lembranças (memórias), as transformações cotidianas operadas pelo Concílio naquele ambiente. Há um grupo organizado de ex-seminaristas chamado “ExSesma” na rede social Facebook que será nosso campo de coleta de

5 Citamos apenas alguns como exemplo: ALVEZ, Gilberto Luiz: O pensamento Burguês no seminário de Olinda (1800-1836) Campo Grande. Editora UFMG e Autores associados. 2001; SANGENIS, Luiz Fernando Conde. Gênese do Pensamento único em educação: franciscanismo e jesuitismo na história da educação brasileira. Petrópolis. Editora Vozes, 2006; MOURA, Laércio dias de. A educação católica no Brasil. São Paulo. Editora Loyola. 2000.; BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. “Cultura escolar e história eclesial: reflexões sobre a ação romanizadora pedagógica na formação de sacerdotes católicos e o Seminário Diocesano de Santa Maria (1915-1919).” Cadernos Cedes 20, no 52 (2000): 88–103.; IGLESIAS, Tânia Conceição. A experiência educativa da Ordem Franciscana: aplicação na América e sua influência no Brasil. Tese de Doutorado. Unicamp. Campinas. 2001.

dados. Esse grupo é um ambiente de memória e de identidade, já que agrega somente os ex-estudantes deste seminário que trocam fotos e recordações do período que lá estudaram.

Nossa fundamentação faz referencia ao trabalho de Pollak (1992) sobre memória e identidade e nos ajuda a compreender como a memória constrói a identidade. Segundo o autor,

a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de referência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992).

O grupo do “Exsesma”(ex-seminaristas do seminário Santa Maria) torna-se, portanto, locus de memória coletiva da identidade franciscana que dela se apropriaram e investem na sua manutenção.

Outro elemento para análise do cotidiano e das transformações operadas no ambiente interno do Seminário, bem como de questões como disciplina e organização do espaço arquitetônico do ambiente, também ele revelador das mudanças ocasionadas pelo Concílio, são as fotografias. De acordo com Kossoy (2014) “as fotos são um resíduo do passado” e por isso reúnem um “inventário de informações acerca daquele preciso fragmento de espaço/tempo retratado”. Kossoy nos ajuda, por meio de suas obras, a perceber nas fotos este complexo de informações do mundo visível, que muitas vezes não é possível perceber por meio de palavras. Kossoy faz uma abordagem ampla da imagem fotográfica envolvida no processo sociocultural. Enfim, entre os múltiplos usos que a imagem fotográfica nos oferece, podemos “avaliar seu alcance e potencialidade enquanto instrumento de pesquisa, análise e interpretação histórica, sua importância enquanto documento histórico e social, e elemento de fixação da memória” (KOSSOY, 2007, p. 28).

O CONCÍLIO VATICANO II E AS TENSÕES DE MODELOS DE IGREJA

Libâneo (2005, p.09) propõe que duas leituras possíveis do Vaticano II como evento eclesial. A primeira delas seria de total ruptura com a ordem anterior. Seu início poderia ser encontrado na década de 1930, na Europa. Segundo Alberigo (1995, p. 394) houve uma espontaneidade de movimentos que tentaram promover novas experiências de vida

cristã, tanto em nível pastoral, como espiritual, teológico e eclesial. Com o advento da segunda Guerra mundial, surgiram algumas consequências, no interior da Igreja Católica, de fechamento em si e de ideologização da teologia, atrasando de certa forma, uma sonhada reforma a nível mundial da igreja, que só ocorreria na década de 1960. Uma outra leitura do Concílio, de acordo com Libâneo (2005, p. 09) é uma leitura de continuidade, ou seja, o Concílio Vaticano II seria apenas um desenvolvimento natural dos outros vinte Concílios.

É possível fazer as duas leituras de maneira conjunta. Isso porque o Vaticano II é um concílio da Igreja, e como tal é também produto de uma história da instituição. Porém, no que tem de próprio, sua tentativa de aproximar a igreja da realidade mundial da década de 1960 em diante, pode ser uma novidade. Isso porque este Concílio não se interessou, como os outros, em desenvolver uma doutrina ou um dogma, mas foi, na linguagem eclesial, eminentemente pastoral.

O anúncio público do Concílio Vaticano II ocorreu no dia 25 de janeiro de 1959. Antes dele, a igreja tinha conhecido outros vinte. Três anos após o anúncio, veio a convocação oficial em 25 de dezembro de 1961 com a Constituição Apostólica *Humanae Salutis*, pelo Papa João XXIII (1881-1963). Sua instauração deu-se efetivamente no dia 11 de outubro de 1962, encerrando-se no dia 8 de dezembro de 1965, pelo Papa Paulo VI (1897-1978).

Santos (2005, 08) destaca que as metas principais do Concílio Vaticano II seriam: desenvolvimento da fé católica; a renovação da vida cristã dos fiéis; a adaptação da disciplina eclesial às exigências do tempo presente. Uma palavra tornou-se símbolo deste concílio: *aggiornamento*. Tal palavra, de origem italiana, em sua tradução literal significa “colocar-se em dia”, “atualizar”. O Termo não aparece nos textos do Vaticano II senão sob as expressões latinas equivalentes, a saber, *acommodatio*, *renovatio*, *adaptativo*, *instauratio* e *análogas* (DICIONÁRIO VATICANO II, 2015, p. 08). Os objetivos contidos nestas expressões tinham a pretensão de superar um certo imobilismo secular por parte da igreja, que perdurava desde o Concílio de Trento, e buscavam fazer as pazes da igreja com a modernidade. Ela teria que dar um salto na sua maneira de se aproximar da realidade mundial. Deveria “superar a atitude de fortaleza perante o mundo em declínio e ameaçador, de comunhão de salvos em oposição aos apóstatas; de possuidores da verdade diante dos

defensores da mentira” (DICIONÁRIO VATICANO II, 2015, P. 16). Reconhecia-se assim, como uma instituição humana, que deveria abrir-se ao mundo de maneira crítica e criativa, e menos como *Mater et magistra*⁶.

No entanto, alguns anos após o Concílio Vaticano II e a promulgação de suas determinações, houve, segundo Libâneo (1984, p. 12) uma “sensação de desorientação, provocando reações bem diversas, conflitantes”. Esta sensação tomou conta do imaginário social católico⁷, após os primeiros anos do concílio e correntes opostas e saudosistas das estruturas definidas do passado começaram aos poucos a se movimentar no interior da igreja. De maneira mais concreta, a partir do pontificado de João Paulo II, forças mais tradicionalistas tomaram vigor. De acordo com Hobsbawm (2009, p. 59) esse papado assinalou “um retorno a uma concepção mais tradicional da Igreja do que o relativo liberalismo que marcou o catolicismo das décadas de 1960 a 1970”.

Libâneo percorre esse embate entre correntes progressistas e tradicionalistas no interior da Igreja após o Concílio. Segundo ele,

Uma que se aprofunda para dentro do mundo moderno naquilo que ele tem de mais genuíno: sua criticidade teórica-científica, existencial e prática. Corrente portanto alimentada por sua vez por diferentes fontes. Convergem todas para o mesmo leito caudaloso do mundo crítico e pós-crítico. Outra corrente flui em direção oposta para as margens tranquilas do pré-crítico ou da sua suposta superação fideísta (LIBÂNEO, 1984, p. 08).

Posteriormente este embate se polarizará entre os defensores da rigidez disciplinar a partir de um clero submisso, formado a maneira tridentina, e os defensores da teologia da libertação, que defendiam uma igreja, a partir de um clero menos preocupado com as normas litúrgicas e mais com a realidade do povo que pastoreava. Será no interior dos seminários, religiosos e diocesanos, que se forjará o novo clero pós-conciliar, formação tensionada pela abertura concedida pelo Concílio de um lado, e por outro, de um constante retorno a disciplinarização e ao fechamento.

Durante o Concílio Vaticano II, foram produzidos dezesseis documentos, classificados em cinco categorias que os diferenciam em: “Constituição

Dogmática, Constituição pastoral, Constituição (simplesmente), Decreto e Declaração” (MOSER, 2006, p.10). Para a nossa análise, consideraremos os decretos *Perfectae Caritatis*, sobre a atualização dos religiosos, e *Optatam Totius*, que diz respeito à formação sacerdotal. Esses documentos nos ajudam a pensar de que forma, entre o Concílio de Trento e o Vaticano II, as identidades sacerdotal e religiosas foram concebidas por um e por outro concílio e as tensões provocadas pela mudança no ambiente seminarístico da Ordem.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

O objetivo central dessa pesquisa procura responder a seguinte questão: de que maneira as tensões cotidianas no Seminário Seráfico Santa Maria expressam as dificuldades na reformulação das identidades sacerdotal e Franciscana na implementação das determinações do Concílio Vaticano II?

Objetivos específicos

- Contextualizar a implantação dos Seminários como espaço de formação do clero na Igreja Católica bem como sua implantação no Brasil
- Compreender a inserção dos Freis Capuchinhos no projeto da restauração Católica no Paraná a partir de 1920.
- Analisar o cotidiano do Seminário Santa Maria desde sua fundação em 1953 na cidade de Irati/PR até o final da década de 80 para verificar de que forma as identidades sacerdotal e franciscana são tensionadas.
- Analisar, por meio dos documentos do Concílio Vaticano II, de maneira especial os decretos *Perfectae Caritatis*, sobre a atualização dos religiosos e *Optatam Totius*, sobre a formação sacerdotal, de que maneira as diretrizes ali expostas foram colocadas em prática no seminário.

6 De acordo com Boff (1982, p.19) uma igreja entendida como mater et magistra, tem, sobre todas as questões, “uma lição que tira do seu depósito feito da escritura, da tradição, dos ensinamentos do magistério e de um certo tipo de leitura da lei natural”.

7 Libâneo utiliza a categoria de “imaginário social” de Castoriadis em a “Instituição imaginária da sociedade” para analisar a identidade católica em mudança a partir do Concílio Vaticano II. Opera, no entanto, uma certa mudança no sentido, segundo ele, “por causa da natureza teológica, revelada da Igreja” (LIBÂNEO, 1984, p. 21).

METODOLOGIA

Faremos o percurso metodológico através da análise historiográfica das instituições envolvidas e de diferentes fontes (orais, documentais, fotográficas) que nos permitirão, a partir dos sujeitos históricos investigados, problematizar nosso objeto de pesquisa. Ainda que sistematizar o percurso seja sempre um desafio, porque a história não é sistemática, nem dogmática, importa para esta pesquisa uma certa orientação metodológica que nos permita percorrer os nuances históricos que nosso objeto nos prepara. A fim de nos orientar no percurso, escolhemos localizar o seminário no espaço e no tempo, Irati de 1953 a 1987 e seus personagens. Importa também tocar na historiografia do seminário como instituição da Igreja e os seus significados, além do evento Vaticano II que repropôs estas instituições a partir da década de 1960.

OS SEMINÁRIOS E A FORMAÇÃO DO CLERO NO BRASIL

Nosso objeto de pesquisa é o Seminário Santa Maria implantado pela Ordem dos Frades Menores Capuchinhos na cidade de Irati no Paraná no início da década de 50. O seminário, como lugar de preparação do futuro presbítero, orienta-se pela rígida disciplina e pelos estudos. Funciona, ao mesmo tempo, como instituição escolar e moradia de estudantes e religiosos. Para compreender como esta instituição produz uma determinada identidade a partir de saberes e práticas, necessário é:

- Que objetivos levaram a criação do modelo seminarístico implantado no Concílio de Trento no século XVI?
- Qual tipo de identidade sacerdotal buscava a Igreja Católica exigir a implantação dos seminários para a formação do clero?
- Quando a Igreja no Brasil começou a implantar de forma sistemática o modelo tridentino de seminário para a formação do clero?

Os procedimentos que utilizaremos para responder estas questões serão leitura e fichamento das seguintes obras:

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. Petrópolis, Vozes, 1986

GOFFMAN, Erving. Estigma. Rio de Janeiro, Zahar, 1982. _____ . Manicômios, prisões e conventos. São Paulo, Perspectiva, 1974.

ALVES, Gilberto Luiz. O pensamento burguês no Seminário de Olinda: 1800-1836. Campo Grande/MS, Editora UFMS; Autores Associados, Campinas/SP. 2001.

DURKHEIM, Émile. A educação moral. 2ª edição. Trad. Raquel Weiss. Petrópolis, Vozes, 2012.

MOURA, Laércio dias de. A educação Católica no Brasil. São Paulo, Loyola, 2000.

REB. Revista eclesiástica Brasileira. Números 70,71,72. Fasc. 278 (abril, 2010) 282 (abril, 2011) e 286 (abril, 2012).

TAGLIAVINI, João Virgílio. Seminários Tridentinos no Brasil: escolas para formação do clero. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.26, p.39 –63, jun. 2007.

FABRIL S. O seminário maior arquidiocesano Nossa Senhora da Glória de Maringá enquanto instituição escolar. Dissertação. (programa de pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá). Universidade Estadual de Maringá. 2007.

OS CAPUCHINHOS E A RESTAURAÇÃO CATÓLICA NO PARANÁ

Os capuchinhos surgem num momento de tensão interna na ordem dos Frades Menores na Europa. A chamada “reforma Capuchinha”, no século XVI, é o resultado desta tensão sempre presente no movimento franciscano, desde o século XII. As várias reformas no seio do movimento são prova desta mobilidade da identidade franciscana. Entendemos ser importante contextualizar o movimento de reforma capuchinha na Ordem franciscana para compreendermos tanto a inserção destes no Paraná no início de 1920, quanto a restauração católica no Estado. Para isso nos perguntamos:

- De que maneira os Capuchinhos representam a identidade franciscana em mutação no século XVI? Qual identidade franciscana a reforma capuchinha reivindicava?
- O que significou a restauração Católica no Brasil na primeira metade do século XX?
- Que papel os Capuchinhos assumem a partir de sua inserção na restauração Católica no Paraná?

Para responder estas questões partimos do pressuposto, igualmente elencado acima, de leitura e fichamento dos seguintes textos:

ARQUIDIOCESE DE CURITIBA. A ARQUIDIOCESE DE CURITIBA EM SUA HISTÓRIA E DIOCESE DE CURITIBA: 100 ANOS. CURITIBA: ARQUIDIOCESE DE CURITIBA, 1992.

ARQUIDIOCESE DE CURITIBA. DOM PEDRO ANTONIO MARCHETTI FEDALTO. DISPONÍVEL EM: <[HTTP://ARQUIDIOCESEDECURITIBA.ORG.BR/BISPOS/DOM-PEDRO-MARCHETTI-FEDALTO/](http://arquidiocese decuritiba.org.br/bispos/dom-pedro-marchetti-fedalto/)>. ACESSO EM: 12 JUL. 2015.

ATLAS GEOGRAPHICUS CAPUCCINUS. ROMA: CURIA GENERALIS OFM^{cap}, 1993.

AZZI, R. GRIJP, K. VAN DER. HISTÓRIA DA IGREJA NO BRASIL. ENSAIO DE INTERPRETAÇÃO A PARTIR DO POVO. TOMO II/3-2. TERCEIRA ÉPOCA 1930-1964. PETRÓPOLIS, VOZES, 2008.

AZZI, R. A CRISTANDADE COLONIAL: UM PROJETO AUTORITÁRIO. SÃO PAULO: PAULINAS, 1987.

_____. **A IGREJA CATÓLICA NA FORMAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA. SÃO PAULO: SANTUÁRIO, 2008.**

_____. **ASCENSÃO OU DECADÊNCIA DA IGREJA?. SÃO PAULO: EDITORA DAS AMÉRICAS, 1962.**

_____. **O MOVIMENTO DE REFORMA CATÓLICA DURANTE O SÉCULO XIX. REVISTA ECLESIASTICA BRASILEIRA, PETRÓPOLIS, VOZES, v. 34, n. 135, p. 646-662, MAR. 1974.**

BRAGA, J. F. CARTA PASTORAL. CURITIBA: DIOCESE DE CURITIBA, 1908.

CAVASO, EMÍLIO. APOSTOLATO DEI CAPPUCCINI DEL PARANÁ E DI S. CATARINA. CURIA PROVINCIALE DE FRATI MINORI CAPPUCCINI. VENEZA.

D'ALATRI, M. **Os capuchinhos: história de uma família franciscana.** Porto Alegre: Edições EST, 1998.

DESBONNETS, T. **Da intuição à instituição.** Petrópolis: Vozes, 1987

FLOOD, D. FREI FRANCISCO E O MOVIMENTO FRANCISCANO. TRAD. ALMIR R. GUIMARÃES. PETRÓPOLIS, VOZES, 1986.

IRIARTE, L. **História franciscana.** Petrópolis: Vozes, 1985.

LE GOFF, J. **São Francisco de Assis.** 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001

MICCOLI, G. **Francisco: o Santo de Assis na origem dos movimentos franciscanos.** Trad. Sérgio Madsen. São Paulo, Martins Fontes. 2015.

MERLO, G. G. **Em nome de Francisco: história dos frades Menores e do franciscanismo até início do século XVI.** Petrópolis: Vozes, 2005.

PRIMÉRIO, FIDÉLIS DE. CAPUCHINHOS EM TERRAS DE SANTA CRUZ: SÉCULOS XVII, XVIII, XIX. SÃO PAULO, LIVRARIA MARTINS, 1940.

QUARESMA, H. PRESENÇA E AÇÃO DOS CAPUCHINHOS NO PARANÁ. DISSERTAÇÃO (PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE GREGORIANA DE ROMA). PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE GREGORIANA. ROMA, ITÁLIA. 1990.

ZAGONEL, C. A. **Capuchinhos no Brasil.** Porto Alegre: Edições EST, 2001.

O seminário Santa Maria em Irati e a identidade franciscana

O seminário Seráfico Santa Maria em Irati foi criado para ser o local por excelência da formação humana e franciscana dos candidatos a vida religiosa Capuchinha. Como instituição da igreja, o seminário seguiu os moldes tridentinos de organização, trazendo na designação “seráfico” a identidade franciscana. Para compreendermos o papel do seminário na estrutura formativa da Ordem, partimos dos seguintes questionamentos:

- A partir de que quando os seminários seráficos na Ordem passam a ser instalados como ambiente de formação franciscana? Antes deles, como os candidatos eram recebidos?
- Quais os processos envolvidos que culminaram com a instalação do seminário Seráfico em Irati?
- Sabendo que as transformações do Concílio nos seminários menores, como era o caso do Santa Maria, foram sutis, de que forma poderemos perceber as tensões nas identidades sacerdotal e franciscana no ambiente deste seminário?

Diante do exposto, conduziremos nossa análise através de fichamento de textos, análise fotográfica (arquivo da Província dos Capuchinhos, Centro histórico dos Capuchinhos em Ponta Grossa e acervos pessoais de frades e ex-seminaristas) e entrevistas (grupo do ex-Sesma). Os textos serão os seguintes:

BENELLI, Silvio J. A produção da subjetividade na formação contemporânea do Clero Católico. Tese (programa de Pós-graduação em Psicologia social). Universidade Estadual de São Paulo. São Paulo. 2007.

BONA, J. Seminários menores. Curitiba: Província São Lourenço de Brindes, 2011.

DEMCZUK, Paula G. Ferrovia e Turismo: reflexões sobre o patrimônio cultural ferroviário em Irati (Pr). Dissertação (Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa). Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa/Pr, 2011.

KOSSOY, Boris. Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo. Ateliê Editorial. Cotia/SP. 2007.
_____. Fotografia e História. 5. Edição. Ateliê Editorial. São Paulo. 2014.

KROETZ, Lando Rogério. As estradas de Ferro do Paraná 1880-1940. Tese (Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual de São Paulo). Universidade Estadual de São Paulo. São Paulo. 1985.

LUZ, Coaracy. E. Rede e Região – desmistificação

do determinismo tecnológico: o caso da linha férrea Ponta Grossa – União da Vitória nos campos Gerais/Mata de Araucária (PR). Dissertação (Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná). Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2006.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Tradução: Monique Augras. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10 1992. P. 200-2012.

SANTOS. Rodrigo C. O Modelo de Sacerdote na Província de São Lourenço de Brindes, mudanças, permanências e reflexos no acompanhamento vocacional da crise do Vaticano II à 2008. Dissertação (programa de pós-graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa). Ponta Grossa. 2009.

SILVA. E. A. Identidades Franciscanas no Brasil: A província da Imaculada Conceição – Entre a restauração e o Concílio Vaticano II. Tese (Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense). Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro. 2000.

FONTES DOCUMENTAIS:

ANDERMAT. Bernardo. Instrução para direção das escolas seráficas (1893).

VADAKKEKARA. Benedict (org). Bernard Christen da Andermatt: A cent'anni dalla morte. Istituto Storico dei Cappuccini. Tipografia Giammarioli. Roma. 2012.

a) Atos: jornal de caráter informativo para os membros da Província, hoje BIP (boletim interno da Província) onde eram publicadas matérias de interesse dos frades sobre a Província.

b) Diretórios de formação: documento interno que organiza os estudos na Província

c) Cartas dos ministros provinciais: de Veneza e do Paraná (a partir de 1969 quando a “Custódia” passa ser denominada “Província”) sobre os estudos e presença no Paraná e Santa Catarina.

Cúria Provincial dos Capuchinhos em Curitiba. Atas dos capítulos Provinciais de 1969 a 1979

Documentos próprios do Seminário Santa Maria

- Livro de Matrícula dos alunos: 1953-1973;
- Elenco dos formadores;
- Notas escolares
- Fotos.
- Atas da Fraternidade: 1973 – 1976
- Atas da Fraternidade: 1976 – 1982
- Atas da Fraternidade: 1982-1987
- Artesanatos: 1981 – 1988
- Associação Divina Pastora: 1954-1960
- Associação Divina Pastora: 1957-1960
- Crônicas Fraternidade: 1955 – 1974
- Crônicas Fraternidade: 1962 – 1963
- Crônicas Seminário: 1955 – 1974
- Livro de Ouro - doações: 1950 – 1952
- Livro Missas: 1953 - 1959
- Livro Missas: 1959 - 1967
- Livro Missas: 1967 - 1975
- Livro Missas: 1975 – 1983
- Livro-caixa: 1953 - 1963
- Livro-caixa: 1964 - 1980
- Livro-caixa: 1980 - 1988
- Menção Honrosa: 1962 1963
- Ofertas/Telefone (sem data)
- Seminário – Construção: 1955 – 1960
- Seminaristas - Matrículas: 1953 - 1973
- Setor Reuniões: 1980 – 1988

ENTREVISTAS:

1. Estudantes do seminário: grupo de ex-seminaristas que se encontram a cada dois anos para confraternizar. Esse grupo mantém uma página na internet (facebook) com o nome de Ex-Sesma, Ex- seminaristas do Seminário Santa Maria.
2. Freis: que trabalharam na formação dos seminaristas do período pesquisado.

O CONCÍLIO VATICANO II

O Concílio vaticano II gerou, como dissemos, dezesseis documentos. Em nossa pesquisa, utilizaremos dois deles de maneira especial: os decretos: *Perfectae Caritatis*, sobre a atualização dos religiosos e *Optatum Totius*, sobre a formação sacerdotal. Estes documentos revelam de que modo devem, as dioceses e congregações religiosas da igreja, promover as reformas necessárias, seja na formação para o presbiterato, seja para a renovação e atualização da vida religiosa. Para darmos conta desta etapa nos perguntamos:

- Qual o contexto histórico do evento vaticano II?
- Que situações internas na Igreja tornaram o Vaticano II exequível?
- De que maneira os documentos citados são importantes no processo de renovação da formação do clero e da vida Religiosa?

Para respondermos estas questões nos propomos a ler e fichar as seguintes obras:

SILVEIRA, DIEGO O. Da. **SACERDOS MAGNUS** :Dom Oscar de Oliveira, O Arquidiocesano e a recepção fragmentada do Concílio Vaticano II na Arquidiocese de Mariana (1959-1988). DISSERTAÇÃO. (programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto). Universidade Federal de Ouro Preto/MG. 2009.

ALBERIGO, Giuseppe (Org). **História dos Concílios Ecumênicos**. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo, Paulus. 1995.

CONCÍLIO VATICANO II – **Compêndio do Va-**

ticano II: constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 1984.

PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. **Dicionário do Concílio Vaticano II.** São Paulo, Paulus. 2015.

BEOZZO, Oscar. **A Igreja do Brasil de João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo.** Petrópolis, Vozes. 1996.

_____. **A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II: 1959-1965.** São Paulo, 2005.

_____. **A recepção do Vaticano II na Igreja do Brasil.** Disponível em: <http://www7.uc.cl/facteo>

REB. Revista eclesiástica Brasileira. **A 50 anos do Vaticano II.** Petrópolis: Vozes. Trimestral. ISSN 0101-8434.

_____. **Uma agenda conciliar 40 anos depois.** Petrópolis, Vozes. Trimestral. ISSN 0101-8434.

MIRANDA, Mário de França. **O Concílio Vaticano II ou a Igreja em Continuo Aggiornamento.** Revista Pistis-praxis. Curitiba, V. 4, n. 2, p. 395-420, Jul./dez. 2012.

GOPEGUI, Juan A. Ruiz de. **O Concílio Vaticano II quarenta anos depois.** Revista Perspectiva Teológica. n.37, p. 11-30, 2005.

REFERÊNCIAS

ALBERIGO, Giuseppe (Org). **História dos Concílios Ecumênicos.** Trad. José Maria de Almeida. São Paulo, Paulus. 1995.

AZZI, R. GRIJP, K. Van der. **História da Igreja no Brasil.** Ensaio de interpretação a partir do povo. Tomo II/3-2. Terceira época 1930-1964. Petrópolis, Vozes, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro. Jorge ZAHAR editor. 2005.

BENELLI, Silvio J. **A produção da subjetividade na formação contemporânea do Clero Católico.** Tese (programa de Pós-graduação em Psicologia

social). Universidade Estadual de São Paulo. São Paulo. 2007.

BOFF, L. **Igreja, carisma e poder:** ensaios de eclesiologia militante. 3ª edição. Petrópolis, Vozes, 1982.

BONA, J. **Seminários menores.** Curitiba: Província São Lourenço de Brindes, 2011.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade. Vol. II.** Trad. Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo. Editora Paz e Terra. 1999.

CONCÍLIO VATICANO II – **Compêndio do Vaticano II:** constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 1984.

DEMCZUK, Paula G. **Ferrovia e Turismo:** reflexões sobre o patrimônio cultural ferroviário em Irati (Pr). Dissertação (Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa). Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa/Pr, 2011.

FOUCAUT, Michel. **A microfísica do poder.** Disponível em: www.sabotagem.com.br. Acesso em 05/11/15.

GIDDENS, Antony. **Modernidade e identidade.** Trad. Plínio Dentzierv. Rio de Janeiro, Jorge ZAHAR Editor. 2002.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos.** Trad. Dante Moreira. Editora Perspectiva, São Paulo. 1974.

_____. **A representação do eu na vida cotidiana.** 10ª edição. Trad. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, Vozes, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro. 2014.

HOBBSBAWM, Eric. **O novo século:** entrevista a Antonio Polito. Trad. Claudia Marcondes. São Paulo, Companhia das letras, 2009.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia:** o efêmero e o perpétuo. Ateliê Editorial. Cotia/SP. 2007.

_____. **Fotografia e História.** 5. Edição.

Ateliê Editorial. São Paulo. 2014.

KROETZ, Lando Rogério. **As estradas de Ferro do Paraná 1880-1940**. Tese (Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual de São Paulo). Universidade Estadual de São Paulo. São Paulo. 1985.

LIBÂNEO. João Batista. **A volta à grande disciplina**. 2ª. Edição. São Paulo, Loyola, 1974.

_____. **Concílio Vaticano II**: em busca de uma primeira compreensão. São Paulo, Edições Loyola, 2005.

LUZ, Coaracy. E. **Rede e Região – desmistificação do determinismo tecnológico**: o caso da linha férrea Ponta Grossa – União da Vitória nos campos Gerais/Mata de Araucária (PR). Dissertação (Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná). Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2006.

MOSER. Hilário. **Concílio Vaticano II**: você conhece? Síntese dos documentos conciliares. São Paulo, editora Salesiana, 2006.

PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo, Paulus. 2015.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Tradução: Monique Augras. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10 1992. P. 200-2012.

QUARESMA. H. **Presença e ação dos Capuchinhos no Paraná**. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma). Pontifícia Universidade Gregoriana. Roma, Itália. 1990.

SANTOS. Rodrigo C. **O Modelo de Sacerdote na Província de São Lourenço de Brindes, mudanças, permanências e reflexos no acompanhamento vocacional da crise do Vaticano II à 2008**. Dissertação (programa de pós-graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa). Ponta Grossa. 2009.

SANTOS, Manuel Augusto (org). **Concílio Vaticano II**: quarenta anos da Lumem Gentium. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2005.

SILVA. E. A. **Identidades Franciscanas no Brasil**: A província da Imaculada Conceição – Entre a restauração e o Concílio Vaticano II. Tese (Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense). Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro. 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 14ª edição. Petrópolis, Vozes. 2014